

INTERIOR.

CHRONICA ADMINISTRATIVA.

Nem um acto importante da administração vemos publicado nos *Correios Officiaes*. Apenas distinguimos a ordem para que se não consinta no interior do quadrado que se forma em torno da force, quando se vê executar algum padecente, a deputação da irmandade da misericordia. Tem esse aviso por causal os disturbios acontecidos quando nas execuções dos réos do patacho D. Clara arrebentou a corda. Mas esses disturbios dariam motivo suficiente ao ministro para destruir um costume antigo, uma prática religiosa e inocente? assentamos que não. Consta-nos que a irmandade respondeu ao aviso, e respondeu com dignidade como lhe cumpria que, a não ser ella mais admittida no interior do quadrado, a levar a seus infelizes irmãos, quando o mundo, e a vida os abandona, os soccorros da religião, e caridade, não podia ella então apparecer nesses actos, nem acompanhar os padecentes.

Quem cederá o ministro, ou a irmandade? Fazemos votos para que seja o ministro: que ao menos nos ultimos instantes de uma existencia que lhe vê ser arrancada, em sua ultima agonia veja o miseravel o Deus que morreu na cruz, e a misericordia que tanto recommendou.

— Advertimos ao nosso collega do *Defensor da Pátria*, que não foi o snr. ministro da justiça quem mandou recolher os mendigos, e occupal-os em trabalho util; a idéa foi do snr. chefe de polícia. O seu a seu dono.

Hoje é o anniversario do juramento da constituição política do imperio. Foi no dia

FOLHA LITTERARIA.

Amen dico vobis, quia unus restrum me traditurus est.

Parlons bas,
Parlons bas,
Ici près j'ai vu Judas.

Ei! a enfim terminada essa longa quarentena que a religião consagrhou á penitencia, e para obedecer ao mesmo principio philosophico das compensações acabou dignamente como tinha começado: começou pelas bacchanais do entrudo, acabou com os festivos re-piques da alleluia. Sabbado da alleluia! — domingo gordo! dignas metas entre as quais se acha comprehendida a quaresma com suas macerações, seu jejum, suas predicas, e a commemoração dos padecimentos do Deus-homem.

Como nesta semana se encadearam as mais apparatosas ceremonias da mais eloquente das religiões, e como nossa inconsideração nos tem feito surdos á sua eloquência! Ante-hon-

25 de março de 1824 que entre nós, Brasileiros, aceitamos, e juramos nosso pacto fundamental, 13 annos tem decorrido, desde esse dia de tão faustosas promessas, e esperanças, e com dôr o disemos quasi todas tem sido illusorias. Mas, longe vão tristes recordações; lembramo-nos somente que há 13 annos que temos constituição e que nesses 13 annos se tem as instituições livres, por tal modo enraizado, que impossivel será arrancal-as, e baldar-se-hão quaesquer esforços que para isso se tentarem.

— No *Diário do Rio* de quarta füra vemos um annuncio dos snrs. officiaes que estavam de guarnição na fortaleza de Santa Cruz, quando della se evadiram Onofre e Corte Real, e que por isso se acham actualmente prezos, e que bastante nos surprehendem. Dizem-nos estes snrs. que alguém sem consentimento delles está agenciando uma subscripção em seu proveito. Elles julgam dever repudiar semelhantes favores, increpam vehementemente o benevolo agenciador, e se assignam os *inimigos do seu vergonha*.

Louvando muito nos snrs. officiaes o brio com que rejeitam tæs subscripções, tomaremos a ousadia de pedir-lhes que em outro annuncio expliquem-se mais claramente, digam quem é esse agenciador para que saibamos si foi alguma especulação particular, ou si isto é ainda alguma manobra de intriga politica. Somos por essencia amigos da franqueza, e de animo muito suspeitos; e por isso que fazemos esse convite, porque infelizmente vivemos em tempos tæs que cada palavra que se escreve, cada accão que se practica é logo por mil e um modos diferentes commentada e interpretada.

— Battido na ultima sessão do jury, vendo absolvidos quasi todos os jornæos accusados, vendo a desenfreiada licença da opositione periodica, consta-nos que o governo vai mandar intentar novas e mais vehementes accu-

tem fomos vizitar as igrejas: oh! como estavam brilhantes! que profuzão de luzes e de ornamentos! Como ás portas se apinhavam milheiros de individuos! E que casquilhos, que luxuosos (1) que estavam! Que iam todos elles fazer? iam sem duvida rezar: assim plamente o cremos; mas neste caso porque é que não entravam? porque é que não ajoelhavam? nesse dia em que a igreja commora a humildade de seu fundador, porque é que não tomavam essa postura de humildade e respeito? Porque... porque em pé tambem se reza, e é esperando á porta que se tem a inapreciavel vantagem de vêr quem entra e quem sae.

Hontem fomos a procissão (antes profanação) do enterro: que lindo expectaculo! Como louziam todas as janellas! Certo que essa noite

(1) Perdão pelo neologismo: — sabemos que esse derivado de luxo ainda não está admittido em nossa lingua, todavia como seja de facil intelligencia não duvidamos adoptal-o.

sauções, e para assegurar-lhes o exito, e não expôr-se á ver baldadas as fatigas do promotor, um grande plano de decreto se está forjando no arsenal juridico de nossos estadistas. Quer-se com esse decreto destruir todos os obstaculos que a rectidão dos juizes formadores da culpa, e a consciencia do tribunal dos jurados oppoem aos alvedrios do promotor. Não será de certo essa a primeira usurpação das atribuições legislativas; mas, si como nos asseguram, semelhante decreto attacar a liberdade de escrever qual a gosamos a tautos annos, qual nos garantem a constituições e os codigos, será ello obedecido? será o direito de resistencia legal palavra sem sentido, e nunca applicável? Supponhamos que não. Inda não sabemos quæs serão as disposições desse decreto; e tanta cousa delle temos ouvido que não podemos atinar com o que mereça fé e credito. Uns disem-nos que é a traducção fiel das leis de excepção que em França tem sido adoptadas, de cada redactor exigirão uma consideravel fiança em deposito pecuniario, e inaugurarão um conselho de censura. Nisso não podemos acreditar quo não supponmos o governo tão demente que se anime a de xofre atacar todos os direitos do cidadão.

Outros porém nos disem que esse decreto não vem si não firmar a competencia de todos os juizes de paz do municipio, para cumulativamente conhecerem dos crimes commetidos pela imprensa, e tornar solidariamente responsaveis os jornalistas e os impressores. Si é verdade quo se prepara esso decreto acreditamnos mais facilmente, que seja este o sentido das suas disposições; por quanto antes mesmo que elle appareça, temos visto adoptada e seguida sua doutrina pelo promotor publico, já na accusação intentada contra o *Rai de Jupiter*, já na que está intentando contra o *Sete de Abril*.

Felizmente inda nemum dos juizes de paz

é uma das mais alegres festas do anno! E é deste modo que nós christãos commemoramos o enterro de nosso Divino Mestre! Cobrimo-nos de preto, e não dó nem luto, — são galas que trajamos! Em nossos semblantes não é a dor profunda da contricção, é o contentamento, é o jubilo que se divisa!

Mas de que servem todas essas exprobrações? podemos com ellas reformar o mundo? Em dia de procissão, tanta gente sae do caza, tanta gente anda pelas ruas, ar tão festivo reina em todos os semblantes, com tantas bellezas se adornam as janellas e com tanto luxo se arreiam essas bellezas, que de necessidade ninguem quer parecer mal, ninguem se lembra de que é a um enterro que vem assistir, e cada um faz o que os outros fazem. Assim vai o mundo.

Hoje se commemora o chefe da mais numerosa das confrarias, dessa que se tem disseminado por toda a superficie da terra, é o discípulo que á preço de trinta dinheiros vendeu seu Mestre, que com um osculo traiçoeiro



a quem tem sido requerida a formação da culpa se tem animado a considerar-se competente para tomar conhecimento de actos praticados em logares que estão fora de sua jurisdição, todos elles tem indefirido as requisições do promotor; esperemos que si por acaso baixar esse decreto (*quod Deus avertat*) elles lembrar-se-hão de que o governo não pode legislar, e menos obrigar os a obrar contra as suas consciências. Lançando os olhos pela lista dos juízes de paz actualmente em exercício no município da corte mais se corrobora essa nossa confiança. Seus nomes trazem consigo a garantia da honra, da probidade, do zelo pelos direitos do cidadão, e de certo não hão de elles dar as mãos á illegais perseguições.

E já que tivemos occasião de tocar nos actunes juízes de paz, cumpre que lhes paguemos o tardio tributo de elogios de que são credores.

Dissem que o povo é ingrato e esquecido, é um erro manifesto; vede-o o anno passado nas eleições de juízes de paz como se lembrou de seus antigos amigos, como os reelegeu. Suspensos em 1833 pelos desvãos do espírito de partido, os snrs. Pinheiro Guimarães e Paulo Fernandes Vianna dão-nos prova evidente de que se não engana o senso público, nem se esquece de quem bem serve. Apezar da suspensão, apezar dos momejós que lhes foram prodigalizados pelo partido vitorioso, apezar de se terem retirado da vida política, de ter mesmo o snr. Viana sahido do imperio: ha nova eleição, e eil-os reeleitos. Com esses juízes, e com os outros seus dignos colegas que actualmente se acham a frente de cada um dos distritos desta cidade, suficiente garantia tem os cidadãos de que não serão victimas do arbitrio; podem os jornalistas descansar que não hade a innocencia ser convertida em crime, e esperar tranqüillos que saia da forja e appareça estampado no *Correio Official* esse assustador decreto para decidirem o que lhes cumpre fazer.

AS REVELAÇÕES DO REPÚBLICO.

Inda não voltamos da admiração que nos causaram as terríveis revelações que o *Repúblido* em sua indignação contra o ministro do imperio fez ao público no seu penultimo nu-

o indicou á seus inimigos, é a trahição feita — homem que hoje se commora.

Depois de terem desde a vespera emmucido, os sinos como que apalavrados, todos á uma, prorompem nos seus mais vivos e alegres hymnos; do alto das torres desce á terra uma harmoniosa atmosfera que nos dilata os pulmões, e nos enche de insolita alegria. Immediatamente, sem que se saiba de onde, surgem, aparecem, reunem-se, aglomeram-se enxames de rapazes gritadores e assoviadores, apregoando entre risadas uma sentença de morte, a sentença do infame traidor que elles mesmos vão executar.

Eil-os, eil-os alli divisam plantada em meio da rua uma arvore improvisada, representando a fatal figueira; de seus ramos pende insólito fructo, é um corpo de homem coberto de farrapos, que feias e rudes feições indicam no odio vingativo da frenética populaça. — E' o Judas, é o Judas, — todos á uma voz assim clamam apenas o avistam; — é o Judas! — assim o saúdam, e sobre elle precipitam-se

mero, e anjosos, avidamente inquietos temos lançado os olhos sobre todas as publicações periodicas a vêr o que elles contêm á semelhante respeito. No *Correio Official* esperavamo algum eloquente desmentido as palavras do democrata, que elles são de natureza a comprometterem seriamente o governo, mas o *Correio* nada por ora se tem dignado responder: no *Repúblido* seguinte esperavamo vêr o redactor mais a sangue frio dar explicações ás suas reticencias, ás suas insinuações: mas o *Repúblido* já se tinha esquecido do que havia escrito, e ocupava-se todo com mostrar que era illegal a annulación das eleições da Parahyba, e que não seria obedecido o decreto que mandou proceder a novas eleições: não é isso por certo que devia ocupar o *Repúblido*, depois de haver com vehemencia não communi, clamado contra o ministro do imperio, insinuado que elle havia sido cúmplice de pregacões republicanas, e de planos anti-constitucionaes, certo o *Repúblido* devia apresentar as provas dessas suas asserções, e já que tinha imprudente levantado um cantinho do véo do mysterio devia rasgal de todo: o contrario é querer ludibriar com a população desta cidade, lançando-a n'um mar sem fim de desconfianças, e de reccios: o contario é querer benevolo que sobre sua frente se imprima o ferrete de calunião.

Si porém alguma mão poderosa tiver deitado, como se costuma dizer, agua na fervura, si ella tiver por algum modo obtido alguma conciliação entre o ministro injuriado, e talvez mesmo caluniado, e o jornalista, si ella tiver feito que o *Repúblido* depois de haver imprudentemente levantado uma ponta do véo se arrependa, e não queira levantar-o de todo — embora alguém chore. — Nós procuraremos completar as revelações do periodico analysando todas as suas palavras, procuraremos aproveitando essa ponta do véo que se acha levantada, descontinar inteiramente essas misteriosas conferencias, que se nos inculcam, adivinhar o contheudo desses escrictos com cuja publicação foi ameaçado o ministro. Não serão aerias nossas conjecturas, nem infundadas nossas conclusões, sirvam ellas de desdouro a quem servirem, isso nos não importa, o que queremos é que a nação saiba de tudo, e que por fim não se diga atraçoadas. O *Repúblido* tocou o alarme, a

encarniçados; da arvore á que pendia cahe por terra o Judas; a corda que o enforcava é com avidez disputada por centenares de mãos, e o grupo vingador, armado do azurrague açoita-o sem compaixão. Aquelle que feliz soube apoderar-se da corda, corre e com ella vai arrastando pela lama e imundices o corpo do infame, a chusma toda o acompanha, e um instante não cessa de açoitá-lo, de apupá-lo com assoviios, imprecações e vorserias. Fraco castigo de tão enorme maldade!

Não podendo por fim mais resistir á tantos tractos, a tantas pancadas faz-se pedaços o corpo do Judas. — Felizmente que esse corpo não é de carne e ossos, mas de palha e imundices, quaeas as entranhas desse que representa. — Ainda porém não está farto o furor da plebe, ella encarnaçá-se contra esses pedaços, esses membros dispersos do traidor, e só descança quando vê espalhados por toda a parte os vestidos, a pele, as entranhas do infame, quando as não pôde mais distinguir do lixo das ruas e das praças, quan-

população toda o ouvia e estremeceu, convém agora mostrar-lhe onde estão seus inimigos, si o *Repúblido* o não fizer, nós o procuraremos fazer.

Agora voltar-nos-hemos para o nosso collega do *Correio Official*: certo espantou-nos ao ultimo ponto o silêncio do despacho em que se pultou esse n.º do *Repúblido*: nunca mais grave, mais virulenta arguição foi lançada ao governo que elle deve defender: a arguição é séria, e compromete para sempre a administração: não é mais uma ou outra maligna interpretação do famoso — estamos autorizados — é a revelação de um plano combinado entre um ministro e um jornalista contra as instituições actuaes, e o *Correio* não responde ao *Repúblido*, nem ao menos lhe diz — é falso, sois um calunião!! — Isto de certo causa assombro, e quasi que nos lembramos de um proverbio antigo que diz — quem cala . . .

Ignoramos como aceitará nosso collega essa nossa advertencia; sabemos que elle não gosta que queiramos dar regras a sua redacção: mas perdoe-nos elle que ao menos desta vez o façamos: a sua honra, a honra da administração condemnam o seu silêncio, ordemam-lhe que falle e desminta o *Repúblido*.

E o que é que faz o sur. promotor? Julgará elle que as arguições contidas nesse periodo do *Repúblido* contra a administração (si caluniosas como as queremos suppôr) não lhe são sobremodo offensivas, não a desconceituam na pessoa do primeiro ministro do gabinete e ministro do imperio? não lhe fazem perder essa tal ou ou qual força moral que ainda conservava? Por nós temos que esse periodo do *Repúblido* faz mais mal ao governo do que todas as empadinhias quentes do *Sete d'Abrial*, do que todos os seus momejós, e todas as paginas que tem escrito a oposição monarchista. E no entanto o que é que faz o promotor! já chamou a responsabilidade o author daquelle artigo?

Pai das maravilhas é por certo este nosso Brasil! Um jornalista indignado prorompe nas mais vehementes invectivas contra um ministro, e a par das mais violentas diatribes insinúa entre reticencias que tem escrito desse ministro louvando suas doutrinas, as doutrinas republicanas; deixa entender entre reticencias que o ministro conspirava com elle: e esse jornalista não é desmentido, e o

do nada mais encontra que possa dizer: — isto foi Judas.

Mas quanto tem errado nossa pena! Isso que ella está escrevendo como scenas do presente, já pertencem ao passado; dellas nos recordaremos saudosos, quando nos recordarmos do saudoso tempo de nossa infancia, e como o saudoso tempo de nossa infancia nunca mais voltaria, nunca mais as veremos reproduzidas. Os sabbados da alleluia perderam seu distintivo, ficaram orphaos de seu Judas, e agora não ouviremos mais pelas ruas o terrível pregão da justiça, que faz o povo á effigie de Judas, o traidor.

E qual foi o motivo real, que fez prohibir esse divertimento, esa lição annua de moral practica que a justiça do povo dava á progeenie immensa dos Judas? O motivo? quereis saber? Pois bem, nós volo revelamos.

Mais felizes do que o Judas do Evangelho, os Judas modernos tem multiplicado em numero, e em poderio: elles pois se uniram, se colligaram para arrancar ao furor da plebe

governo tem um periodico, e o periodico do governo não diz — isso é mentira, — e o governo tem um promotor, e o promotor não diz — isso é calunia: — e o jornalista depois dessa vulcanica explosão volta logo no numero seguinte como esquecido do que havia escrito, aos assumptos ordinarios de suas publicações!

Paiz das maravilhas é por certo este nosso Brazil! e mais firmemente ainda o ficaremos acreditando, si o governo, si o *Republico*, ou si a nação não derem seguimento ás revelações do jornal democrata.

CORRESPONDENCIA.

Srs. Redactores. — Muito me lisongeou ver no seu CHRONISTA n.º 45 de 11º do corrente muez a refutação, que apresentou o sr. Joaquim Francisco do Souza Navarro á minha correspondencia sobre a extinção das duas Barreiras de Santa Cruz e Pavuna; e muito me admirou de que um empregado publico procurasse (ainda dando armas contra si) justificar-se de algumas arguições que lhe dirigira.

Antes pois de entrar na questão devo prevenir ao sr. Navarro, que não por elle, mas só pelo interesse que tomo na boa arrecadação e fiscalização dos direitos nacionaes, é que escrevi aquellas poucas linhas. Defendendo-me por tanto do gracioso epitheto de *calumniador*, com que logo no começo da pretendida refutação me mimoseca, sem que com tudo largue a capa de anomimio, como deseja, eu irei também apresentando ao publico as falsidades de que está revestida a sua defesa. O sr. Navarro confessa que está a meio soldo com licença na forma da Ley, e que pode em consequencia ocupar hum emprego de fazenda, como outros. Eu quizera que me apontasse em que Ley se funda o sr. Agente para avançar uma tal proposição: ao contrario o sr. Agente na forma da Ley não pode acumular dois vencimentos, um pela guerra, e outro pela fazenda; e nem me apontará hum só militar tanto na alfandega como no thesouro que acumule os dois vencimentos; e, logo que foi nomeado Agente do gado, o sr. ministro da fazenda deveria participar ao la guerra tal nomeação, para lhe ser suspenso o soldo em quanto estivesse exercendo aquelle emprégio; e muito é para admirar que o sr. ministro da guerra consinta a continuaçao de hum tal abuso, e

não oblige o sr. Agente a repor á fazenda publica o que indevidamente tem recebido por aquella repartição: logo não saltei a verdade, quando afirmei que estava a meio soldo, e percebendo 4 por cento pela arrecadação do imposto. Também não saltei á verdade quando avancei que pelos manejos do sr. Agente se tratava da mudança da Agencia de S. Cristovão para Beinica, ou praia pequena; e nem o sr. Navarro desta arguição se defendeu, pois o *mclindrozo officio* que apresenta, como desfaz, nada prova, si não sou muito pouco respeito ao tribunal do thesouro.

Como se defende o sr. Agente de que não contribuirá para a extinção das duas barreiras de Santa Cruz e Pavuna? Confessando que em consequencia de uma portaria do sr. ministro da fazenda, para que informasse sobre os estorvos que encontrará na execução do regulamento; o unico estorvo que tanto o enlaraçava, eram as duas barreiras a que eu chamei guardas avançadas, e que para elle eram desnecessarias. E por certo, que elles serviram de grande estorvo ao sr. Agente durante estes seis meses!!! Ora srs. redactores, nem depois de uma confissão tão ingenua do sr. Agente, o sr. ministro da fazenda conheceu a manobra? pois extinguiram-se duas barreiras tão necessarias á boa fiscalisação do imposto sobre o gado, só porque servem de estorvo ao sr. Navarro? Como pois conhecerei d'ora avante s. ex.^a qual é o gado que entra para o municipio, e qual o nelle consumido, para poder prevenir o extravio dos direitos nacionaes? Certamente aquelle periodo da defesa não honra muito ao seu nobre autor, que não lhe servindo de estorvo as barreiras internas, tantos descobriu nas de Santa Cruz e Pavuna!!! Estão pois satisfeitos os seus desejos com a extinção de todas as barreiras; e por tanto as minhas asserções justificadas. O sr. agente disse que muito folgava de que os guardas soubessem bem cumprir seus deveres, porque sendo por elle propostos mostrava os desejos que tinha de acertar. A tal ponto chega a sua filiaquia que não se peja de avançar em publico uma proposição semelhante, sem attender a que o art. 3º do regulamento incumbe ao administrador da recebedoria essa missão sem nemuma interferência do sr. agente.

O sr. Navarro querendo justificar que nem uma diferença houve no gado manifestado

nas duas barreiras, e o entrado effectivamente na agencia, como o faz? Apresentando um calculo, quando o negocio não he de calculo, mais de certeza demonstrada; e ja resalvando-se com discordâncias das relações das guias, e suas duplicatas; com o gado consumido além de S. Christovão; reenviado para Santa Cruz &c. &c.; mas não se dignou de apresentar ao publico quanto foi o gado mandado para fôra por terra e mar; quanto o reenviado para Santa Cruz; e quanto o manifestado na agencia, para da comparação destas demonstrações, se patentejar a verdade; e isto era mui facil á vista dos livros das entradas e saídas, os quaes se me fosse permitido examinar, talvez o sr. agente se não usfasse tanto em sua resposta. O sr. Navarro ha de convir comigo, que orçamentos nunca se fazem pelo maximo, mais sim pelo medio da renda: logo a renda nas mãos do sr. agente fenece; e si ja no 1º semestre houve um deficit de 8:142\$800; sendo o segundo semestre de menor rendimento (não sei porquê calculo) o deficit deverá montar ao duplo: e sem barreiras talvez chegue até a desaparecer esta renda da receita geral.

Existe pois ainda a minha proposição sem ser refutada, como eu esperava, e tanto desejava por honra mesmo do sr. Navarro a quem muito respeito, e não por odio ou inveja porque não aspiro ser agente.

O sr. Navarro não se dignou de responder sobre as quotidianas postergações do regulamento (ao que elle chamou impécias) mas o publico imparcial, lendo o *Correio Official* de 14 deste muez, ahi encontrará uma portaria do sr. ministro da fazenda, que comprova evidentemente quanto avancei a esse respeito.

Parce-me por tanto ter demonstrado a verdade da minha primeira correspondencia ao sr. agente do gado a quem tributa o mais *mclindrozo respeito*.

O defensor das barreiras extintas.

VARIEDADES.

Antigos e modernos. — Os antigos eram gigantes de scienzia e de philosophia: — seja, quero admittil-o. Mas em vantagem dos modernos direi com Diogo Stella: "Um anão sobre os homens d'um gigante pôde ver mais longe que o mesmo gigante." Burton.

a effigie do chefe de sua¹ raça. Para assim procederem, douz motivos igualmente fortes os impelliam, — 1º o espirito de classe e corporação, — 2º o interesse proprio; — sim que cada chicotada que levava o corpo do Judas de sabbado da alleluia doía-lhes como se lhes fosse applicada em suas proprias costas, cada grito, cada assovio da plebe que lhes feria o tympano era o buido punhal que como um remorso lhes penetrava o coração.

Tamnho suppicio, cada anno reproduzido, elles o não poderam mais tempo suportar, e entre si juraram a abolição desse in veterado costume, e o conseguiram, — (o que é que não conseguem a manha e arte dos Judas modernos!) e agora passam-se os sabbados da alleluia sem que vejam os ajustice que faz o povo á effigie de Judas o traidor.

Mas com que pretexto acobertaram elles essa sua damnada tençao? com que artes illudiram as authoridades para fazel-as cumplices de seus planos? Foi a moral publica que invocaram; pintaram-a ultrajada, pintaram per-

turbada a paz e o socego das familias, e tudo conseguiram. As vezes a causticidade satyrica, aproveitando o ensejo, na effigie do Judas antigo representava algum Judas moderno, e dest'arte personificando a traição nas feições de algum homem ainda existente, ainda talvez poderoso, fazia de lição, que devia ser geral, applicação especial e immediata.

Foi por amor desse leve abuso, que se ia introduzindo e que tão facil era por outros meios reprimir, que ficou prohibida essa tão eloquente lição de moral. Lição eloquente na verdade! que os supplicios de Judas, esse corpo de palla entregue ao frenesi da populaçao; a infamia da traição castigada com o azurrague; o homem, que vende seu amigo, seu protector, seu mestre, arrastado pela lama das rues, escarnecido, ludibriado pela mais infima relé; o nome do discípulo que a inveja, e o orgulho levaram ao crime, que por não ser o primeiro dos discípulos, vendeu discípulos e mestre á sanha dos Phariseus, sim tudo isso sob apparencia de ridiculo e vân

sfolgado involvia uma sublime lição: nella o povo apprendia a desprezar, a punir os traidores. Oh! sim, os castigos de Judas serviram agora de summa utilidade; infelizmente acabaram.

Descansa pois em paz, memoria do Judas, não mais será teu nome insultado, vilipendiada tua conducta! E na verdade bem charo pagaste tua traição: corrido de vergonha, foste engeitar o preço della, corrido de vergonha foste enfocar-te. Oh! que não viveste no seculo actual, teus successors, os filhos de tua raça ter-te-iam ensinado á aproveitar a obra feita; olha-os como triumpham, como nedios e risinhos passam por entre suas victimas, como alardeam sua traição, como exigem o preço della, como cevam-se em sua infâmia!! Tu julgaste que não tiuhas outro recurso sinão enfocar-te; elles nem ao menos em effigie são suppliciados: porque como disse o poeta popular da França

On vit de honte on n'en meurt plus.
Quem não tem vergonha todo o mundo é seu. R.